

Se acrescentarmos a população reformada, a qual provavelmente pratica, como vimos, alguma agricultura, à população dependente da agricultura, teríamos com este conjunto, então sim, o panorama negro, idêntico àquele que habitualmente nos é oferecido.

A realidade tem, por vezes, certas variantes fundamentais, não detectáveis através da insipidez dos números, mas que se revelam da máxima importância. Importa clarificar e operacionalizar com rigor a bateria conceptual disponível, sem desprezar os diversos níveis analíticos necessários à compreensão da realidade.

#### 4.5.3. FAMÍLIAS AGRÍCOLAS MAIS NUMEROSAS E MENOS IDOSAS

Embora a dimensão média das famílias seja muito semelhante nas diversas sub-regiões naturais do concelho de Loulé, a diferença aparece quando analisamos, de acordo com procedimentos mais finos, as famílias agrícolas e as comparamos com as restantes.

Torna-se necessário, também neste caso, clarificar o conceito de família agrícola, uma vez que se vão utilizar distintas fontes de informação. E, à semelhança do que aconteceu nos pontos precedentes, aqui também se deverá fazer claramente a distinção entre as famílias compostas essencialmente por idosos e reformados e as restantes famílias activas, agrícolas e não agrícolas.

Recorrendo outra vez às informações proporcionadas pelo Recenseamento (1991), no âmbito até agora disponível, pode detectar-se uma estrutura familiar local interessante, nomeadamente no que respeita às famílias agrícolas (Quadro 4-12). Na freguesia de Ameixial, localizada na Serra, as famílias de reformados e de idosos constituem quase metade do número de famílias residentes (praticamente todas elas com 1 ou 2 elementos), o que reflecte com rigor o diminuto potencial demográfico desta sub-região natural, bem como as funções marginais que lhe são impostas. As famílias agrícolas representam cerca de 1/3 das famílias locais e, dentro destas, o grupo maioritário é aquele que reúne as famílias com 3 a 4 elementos (Fig. 4-19). A estrutura destas últimas famílias aproxima-se da estrutura das famílias activas nos sectores exteriores à agricultura (principalmente, no caso desta freguesia, comércio e serviços).

Na freguesia de Querença, as famílias de agricultores quedavam-se, em 1991, em pouco mais de 10% das famílias residentes (Quadro 4-12). As famílias de idosos e reformados atingiam cerca de um terço do número total de famílias. As restantes (mais de metade) inseriam-se predominantemente em actividades diversas da agricultura. Estamos já perante um espaço rural de características não agrícolas, onde os residentes activos com profissões exteriores à agricultura são já maioritários.

Em termos de estrutura, as famílias dos agricultores desta freguesia voltam-se a comportar como relativamente extensas, quando comparadas com a média local e, mesmo, regional. Cerca de um quarto destas famílias tem uma dimensão superior a 4 elementos (Quadro 4-12), o que não acontece com as famílias activas não agrícolas, e o grupo maioritário é aquele que integra as famílias com 3 e 4 elementos (Fig. 4-20).

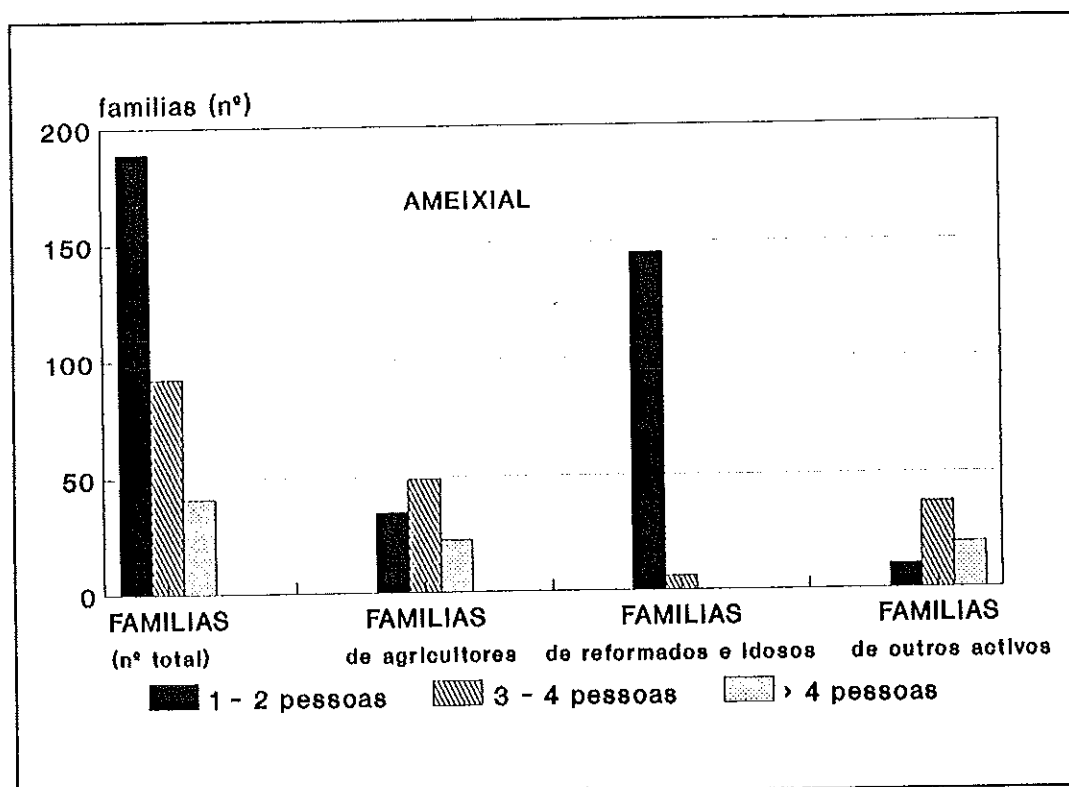
Quadro 4-12  
ESTRUTURA DAS FAMÍLIAS RESIDENTES  
EM DUAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE LOULÉ  
1991

DIMENSÃO DAS FAMÍLIAS (nº de pessoas)	TOTAL DE FAMÍLIAS		FAMÍLIAS DE AGRICUL- TORES		FAMÍLIAS DE REFORMADOS E IDOSOS		FAMÍLIAS DE OUTROS ACTIVOS	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
<b>freguesia de AMEIXIAL</b>								
1 - 2	189	58.7	34	32.4	145	96.0	10	15.1
3 - 4	92	28.6	49	46.7	6	4.0	37	56.1
> 4	41	12.7	22	20.9	-	0.0	19	28.8
TOTAL	322	100.0	105	100.0	151	100.0	66	100.0
		100.0		32.6		46.9		20.5
<b>freguesia de QUERENÇA</b>								
1 - 2	330	55.4	24	35.3	184	97.9	122	35.9
3 - 4	189	31.7	27	39.7	4	2.1	158	46.5
> 4	77	12.9	17	25.0	-	0.0	60	17.6
TOTAL	596	100.0	68	100.0	188	100.0	340	100.0
		100.0		11.4		31.5		57.1

Fonte: J.F.s (1991)

A proximidade de centros empregadores, como acontece no caso da freguesia de Querença, revela-se como o elemento perturbador por excelência das actividades locais, nomeadamente da agricultura, exercendo uma função de atracção, ao ponto de absorver grande parte dos activos que, por isso, abandonam a agricultura. É esta a razão que determina que as freguesias localizadas na área de transição (Serra/Beira-Serra/Barrocal), registem um número cada vez mais reduzido de famílias agrícolas.

Figura 4-19  
**ESTRUTURA DAS FAMÍLIAS RESIDENTES NA FREGUESIA  
 DE AMEIXIAL SEGUNDO AS ACTIVIDADES  
 1991**

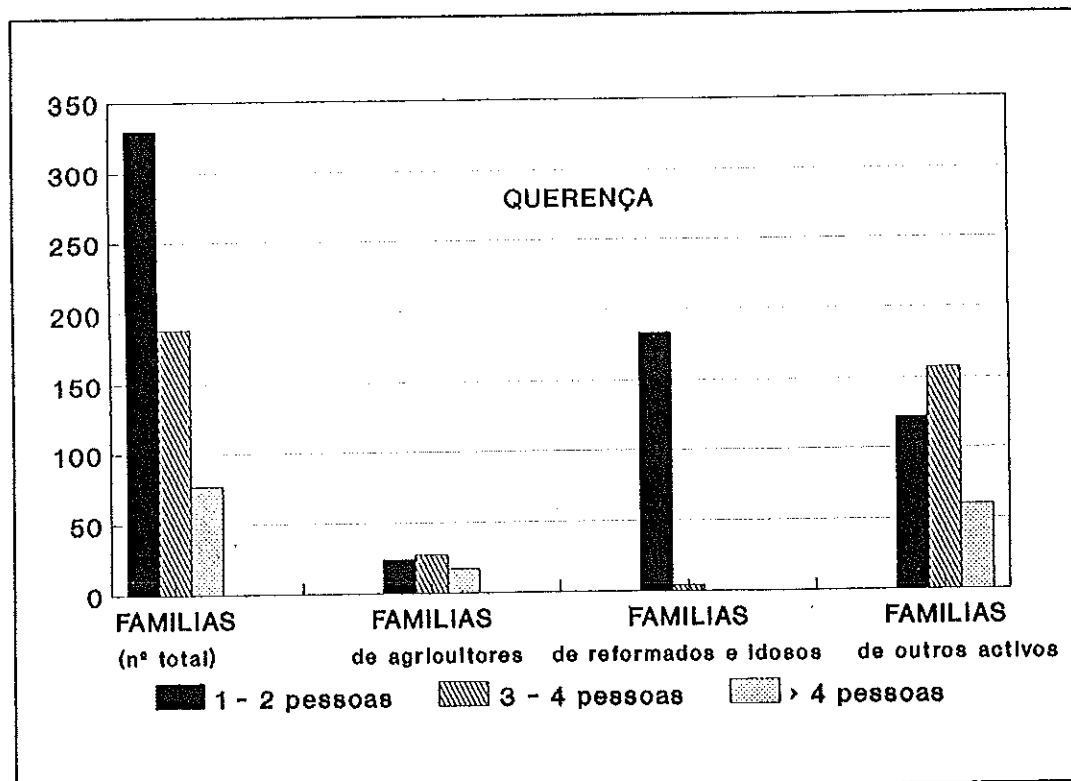


Fonte: J.F. (1991)

Se analisarmos sob outra óptica as informações do Quadro 4-12, reunindo na mesma categoria as famílias de agricultores e as famílias de reformados e idosos que trabalham a terra (não serão todos os membros, mas seguramente uma boa parte deles), de acordo com a norma dos Recenseamentos Agrícolas, o resultado seria, naturalmente, desastroso

para o sector agrícola. A imagem da realidade socio-profissional local sugerida pelas informações estatísticas é, como vemos, modelada segundo a fonte a que se recorre.

Figura 4-20  
**ESTRUTURA DAS FAMÍLIAS RESIDENTES NA FREGUESIA  
 DE QUERENÇA SEGUNDO AS ACTIVIDADES  
 1991**



Fonte: J.F. (1991)

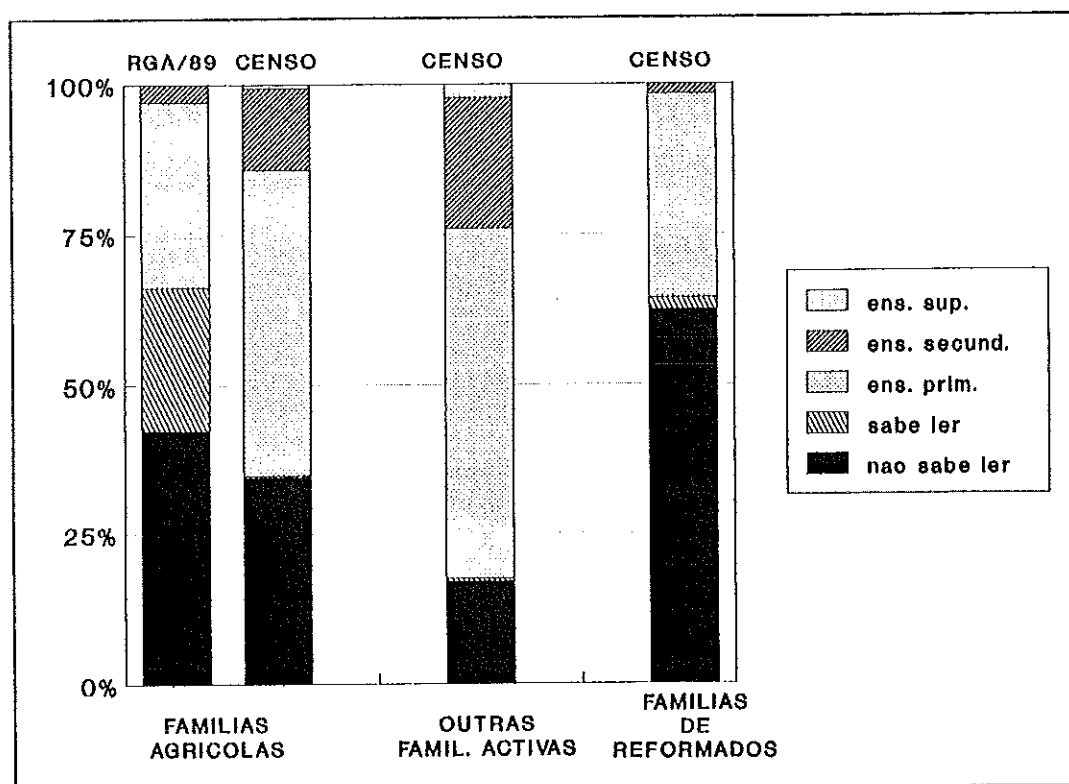
#### 4.5.4 NÍVEL DE ESCOLARIDADE: DIFERENÇAS ATENUADAS

Paralelamente ao tempo de dedicação à exploração agrícola, à estrutura etária e à estrutura familiar, é possível ainda analisar o nível de escolaridade retido através dos dois instrumentos estatísticos que têm vindo a ser consultados. Neste domínio as diferenças não são grandes. Admite-se, contudo, que as categorias utilizadas não sejam concordantes. As informações facultadas dizem, além disso, respeito à população residente com mais de 19 anos. O Recenseamento da População, que deveria estar mais vocacionado para recolher as

características da população, inclui nos seus questionários, a propósito do nível de escolaridade, perguntas de difícil compreensão.

Na freguesia de Ameixial (Fig. 4-21), o Recenseamento Geral da Agricultura (1989) regista uma taxa de analfabetismo superior à do Censo. A integração da população reformada nos activos agrícolas continua a estar presente naquele recenseamento e a afectar, por isso, a análise da situação concreta.

Figura 4-21  
NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS MEMBROS DAS FAMÍLIAS  
RESIDENTES NA FREGUESIA DE AMEIXIAL  
1989 - 1991

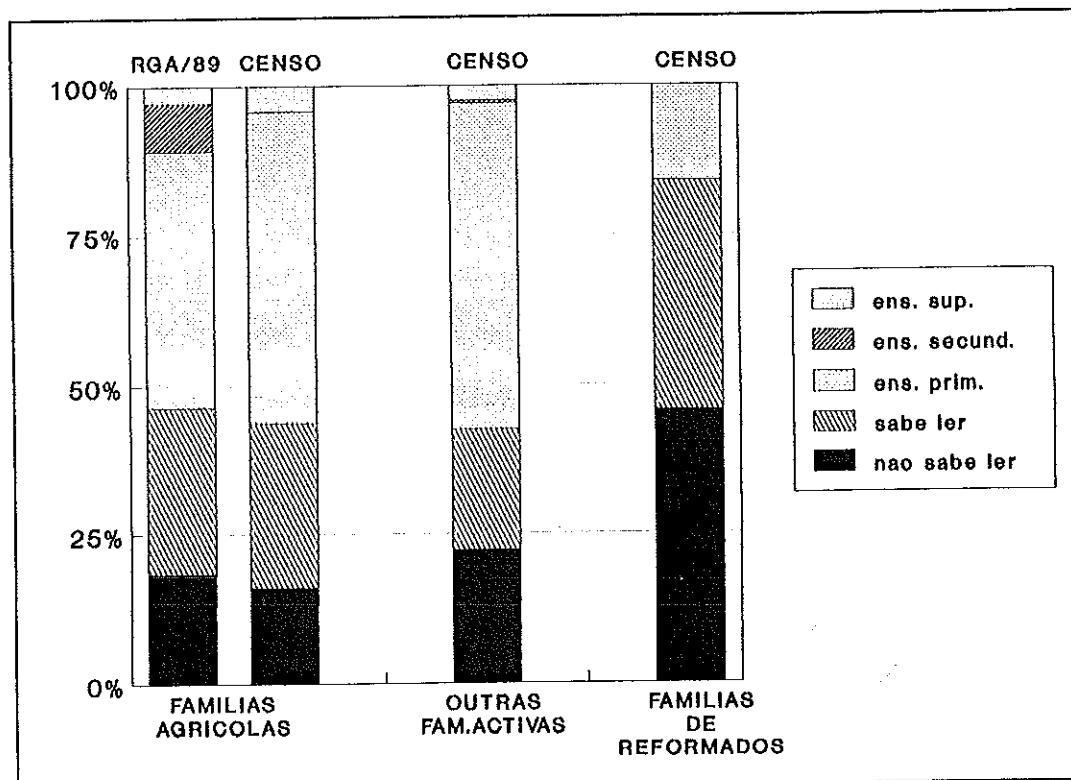


Fonte: INE (1992a) e J.F. (1991)

Na freguesia de Querença (Fig. 4-22) as diferenças são mínimas. A população sem qualquer grau de instrução (isto é, sem saber ler nem escrever) aproxima-se dos 50%, ultrapassando o nível dos 80% nas famílias de reformados e idosos. Qualquer valor médio determinado a partir de um universo que integre, como parcela, as famílias de

reformados penderá, sem apelo nem agravo, para situações de elevadas taxas de analfabetismo.

Figura 4-22  
NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS MEMBROS DAS FAMÍLIAS  
RESIDENTES NA FREGUESIA DE QUERENÇA  
1989 - 1991



Fonte: INE (1992a) e J.F. (1991)

#### 4.6. POPULAÇÃO AGRÍCOLA FAMILIAR: A ADOÇÃO DO PADRÃO PLURIACTIVO

Sobre o padrão de pluriactividade adoptado pelas famílias agrícolas, valerá a pena recordar algumas das ideias que, a este respeito, já foram expressas. A pluriactividade praticada por estes agregados sociais é uma consequência da quebra dos sucessivos ciclos familiares fechados e da correspondente integração social. Às novas gerações abrem-se diferentes perspectivas e as opções deixam de estar limitadas ao meio local ou à emigração, com regresso anunciado.

O grau de desenvolvimento do meio envolvente diferenciou a evolução das diversas regiões rurais e criou diferentes condicionantes e expectativas para as populações aí residentes, nomeadamente para aquelas que tradicionalmente se dedicavam à agricultura. Este aspecto é determinante, pois a capacidade de resiliência do agregado do agricultor e a possibilidade de expansão dos negócios no âmbito das estratégias familiares (pluriactivas ou não), dependem das condições proporcionadas pelo modelo de desenvolvimento local e regional.

Nesse sentido, Cavaco (1993) propõe uma tipificação sumária das áreas rurais portuguesas em três grupos, caracterizados por problemáticas relativamente homogéneas:

1. campos periurbanos e rurbanos;
2. campos em vias de despovoamento e abandono;
3. campos intermédios.

Esta tipificação pretende graduar o nível de desenvolvimento das áreas rurais ou, pelo menos, identificar a problemática que as atinge, tendo presente as principais dificuldades de integração decorrentes das características próprias dessas regiões: acessibilidades, estrutura da população, dinamismos locais, recursos bastantes e, sobretudo, capacidade de intervenção.

As estratégias pluriactivas estarão bloqueadas nos chamados **campos em vias de despovoamento e abandono**, onde os factores de repulsão são determinantes. São espaços marginalizados, povoados apenas por velhos, reformados e isolados, nos quais as poucas acções exequíveis, na perspectiva do desenvolvimento e da revitalização sócio-económica, têm, à partida, um sucesso dificilmente assegurado.

Pelo contrário, os **campos periurbanos e rurbanos**, com elevadas densidades populacionais, proporcionam uma diversidade de actividades e de oportunidades. Tornam, porém, a agricultura instável, suscitando conflitos vários entre este sector e os restantes: uso do solo e da água, níveis salariais desequilibrados, ambiente degradado, desestruturação local, etc., problemas estes normalmente resolvidos em benefício dos sectores não agrícolas. O mercado consumidor dos centros urbanos próximos valorizam, contudo, algumas produções, sobretudo aquelas que pelo seu grau de perecibilidade e baixos preços de venda têm escoamento local assegurado.

Embora não se possa definir um padrão único para os campos intermédios, estes abrangem os espaços que não se enquadram nas categorias anteriores e o que os caracteriza é, fundamentalmente, um povoamento numericamente ainda importante e o predomínio da agricultura nas actividades rurais. A pluriactividade no seio das famílias agrícolas torna-se mais problemática, facilitada apenas pela maior acessibilidade a centros de negócios que permitam, entre outros, movimentos migratórios pendulares de ciclo curto.

Em Loulé, e no que se refere às diversas freguesias, vamos assistir a uma diferenciação provocada, antes de mais, pela proximidade dos centros económicos dinâmicos do Litoral e do Baixo Barrocal (construção civil, turismo e outros serviços). Algumas das freguesias apresentam, por isso, um nível de integração importante. Pelo contrário, outras há, localizadas no interior e afectadas pelo despovoamento, onde as respectivas explorações agrícolas têm dificuldade de encontrar, localmente, condições externas que facilitem o seu desenvolvimento, remetendo-se a uma condição de letargia, com prognóstico reservado quanto ao seu futuro.

#### 4.6.1 AGRICULTORES PLURIACTIVOS: DEDICAÇÃO MODERADA À AGRICULTURA

Os produtores pluriactivos aparecem como maior expressão justamente nas freguesias onde existem maiores solicitações provenientes de outros sectores de actividade (Quadro 4-13) (Fig. 4-23). Em Almancil, uma das freguesias do Litoral, a taxa de pluriactividade dos produtores ultrapassa 50%. É um valor que supera largamente a média concelhia (31%).

Um segundo grupo de freguesias, reúne as que se localizam próximo do Litoral (com excepção de Almancil) e, ainda, algumas da área de transição (Querença e Salir). Estas últimas têm registado grandes benefícios no que respeita à acessibilidade, principalmente em relação aos núcleos do Litoral. Além disso, encetaram alguma diversificação nas actividades locais, nomeadamente em serviços (pequenas unidades de hotelaria, oficinas de reparação, estabelecimentos de ensino,...). Os pluriactivos atingem aqui valores que oscilam entre 30% e 35% do total dos produtores agrícolas.

Finalmente, o terceiro grupo, englobando as áreas mais periféricas do concelho de Loulé, de difícil ou moroso acesso e sem grandes possibilidades de diversificação no que respeita a actividades não agrícolas, apresenta uma taxa de pluriactividade moderada, situada nos 15-20%.

Quadro 4-13  
PRODUTORES AGRÍCOLAS SEGUNDO  
O MODELO DE ACTIVIDADE - 1989

FREGUESIAS CONCELHO REGIÃO	PRODUTORES AGRÍCOLAS				
	TOTAL	MONOACTIVOS		PLURIACTIVOS	
	nº	nº	%	nº	%
ALMANCIL	471	225	47.8	246	52.2
S.CLEMENTE	788	498	64.8	270	35.2
QUERENÇA	474	316	66.7	158	33.3
SALIR	659	449	68.1	210	31.9
BOLIQUEIME	682	470	68.9	212	31.1
S.SEBASTIÃO	962	666	69.2	296	30.8
QUARTEIRA	146	103	70.6	43	29.4
ALTE	581	457	78.7	124	21.3
BENAFIM	276	231	83.7	45	16.3
AMEIXIAL	231	196	84.9	35	15.1
LOULÉ	5 250	3611	68.8	1 639	31.2
ALGARVE	25 881	17 623	68.1	8 258	31.9

Fonte: INE, RGA

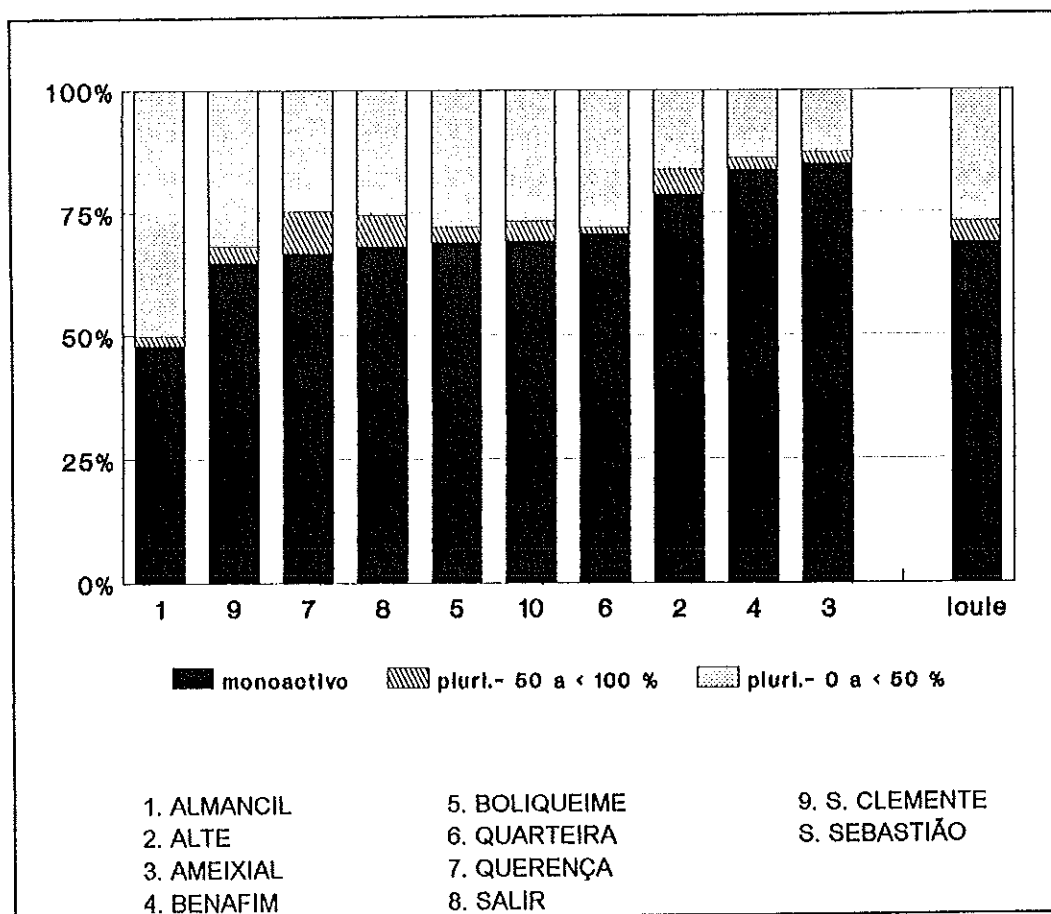
O tempo que estes produtores pluriactivos dedicam à agricultura não é o mesmo e, por isso, introduz uma diferenciação entre as diversas freguesias do concelho de Loulé. A grande maioria dedica, contudo, mais de metade do seu tempo às actividades não agrícolas (Quadro 4-14).

Os produtores que dispõem menos de metade do seu tempo nas respectivas explorações são, no concelho de Loulé, cerca de 86% (Quadro 4-14), variando, nas respectivas freguesias, entre 96% e 74%.

Conjugando o número de produtores agrícolas monoactivos com os pluriactivos, é possível definir áreas homogéneas no concelho de Loulé, associando a primeira característica apontada (monoactivo) com a principal das tendências pluriactivas (0 a <50% do tempo dispendido na

exploração). O resultado (Fig. 4-24) faz ressaltar quatro grupos de freguesias, que definem uma nítida gradação entre o Litoral e a Serra e que reflectem intensidades crescentes de integração sócio-económica.

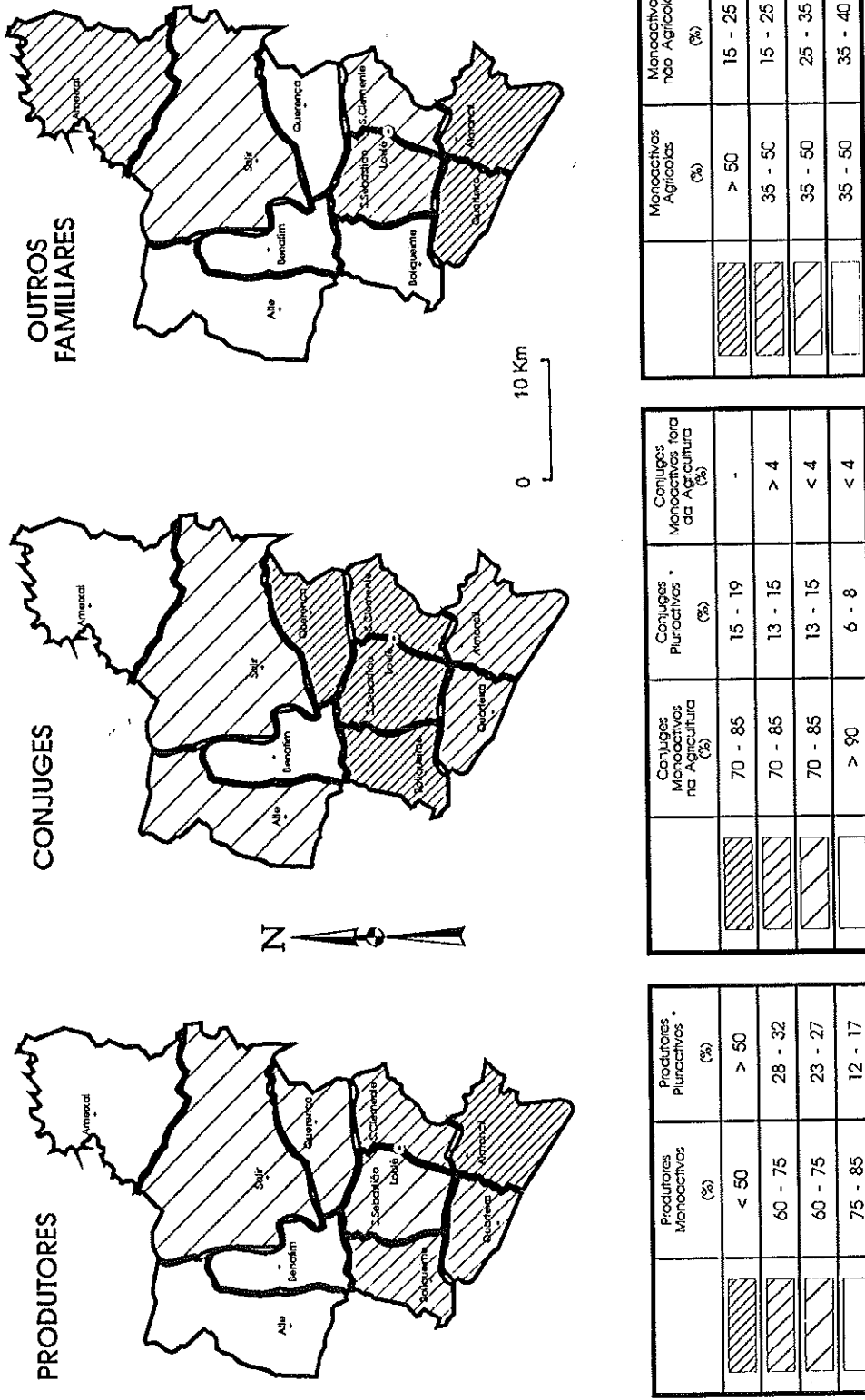
Figura 4-23  
**PRODUTORES AGRÍCOLAS (%) PERANTE A PLURIACTIVIDADE  
 NAS FREGUESIAS DE LOULÉ E NO ALGARVE  
 1989**



Fonte: INE (1992a)

A freguesia de Almancil aparece isolada, em oposição às três freguesias com características mais periféricas (Alte, Ameixial e Benafim) (Fig. 4-24). Os grupos intermédios diferem apenas no tipo de pluriactividade predominante: pouca dedicação às explorações nas freguesias do Litoral, contrastando com um maior comprometimento nas freguesias não urbanas do Barrocal e nas da Beira-Serra.

Figura 4-24  
 ÁREAS HOMOGÊNEAS DO CONCELHO DE LOULÉ SEGUNDO A SITUAÇÃO DA  
 POPULAÇÃO AGRÍCOLA FAMILIAR



(\*) com dedicação à exploração entre 0 e 50% do tempo.  
 Fonte: recolha própria

Na perspectiva atrás evocada, a de analisar o conjunto da actividades do agregado doméstico, seria interessante saber, nestes casos, qual a dedicação dos restantes elementos da família. Situações há em que, embora seja o conjuge a desempenhar o papel principal na exploração, em termos de tempo dedicado aos trabalhos agrícolas, é, porém, o marido que aparece recenseado como produtor. Razões conhecidas, de raiz tradicional e cultural, fazem com que o personagem masculino, membro do casal, apareça identificado como o produtor, ainda que dedique menos tempo à exploração que alguns dos seus familiares, nomeadamente o conjuge.

Se, paralelamente, analisarmos o padrão pluriactivo dos conjuges (Quadro 4-15) e dos outros familiares (Quadro 4-16), a pluriactividade atinge, ainda no concelho de Loulé, respectivamente 14.3% e 19.8% (contra 31.2% dos produtores).

Quadro 4-14  
PRODUTORES AGRÍCOLAS PLURIACTIVOS (%)  
SEGUNDO O TEMPO DEDICADO À EXPLORAÇÃO

FREGUESIAS CONCELHO REGIÃO	PRODUTORES PLURIACTIVOS	
	DEDICAM 50 A <100% À AGRICULTURA	DEDICAM 0 A < 50% À AGRICULTURA
ALMANCIL	4.1	95.9
QUARTEIRA	4.7	95.3
S. CLEMENTE	9.6	90.4
BOLIQUEIME	9.9	90.1
S. SEBASTIÃO	12.8	87.2
BENAFIM	15.6	84.4
AMEIXIAL	17.1	82.9
SALIR	20.0	80.0
ALTE	24.2	75.8
QUERENÇA	26.0	74.0
LOULÉ	13.6	86.4
ALGARVE	17.3	82.7

Fonte: INE, RGA (1989)

Nos casos dos conjuges (Quadro 4-15), a pluriactividade aparece com maior expressão nas freguesias onde, como veremos no próximo capítulo, predomina a pequena exploração. Nas freguesias da Serra e do Litoral, a taxa de pluriactividade dos conjuges desce, segundo o

recenseamento, para valores abaixo dos 10%, reflectindo uma funcionalidade predominantemente complementar em face dos produtores agrícolas.

Na verdade, este último resultado, no que respeita aos conjuges, corresponde à outra face da moeda. É normal que nas explorações onde o produtor se afirme como pluriactivo, dedicando-se inclusivamente pouco às tarefas agrícolas, se detecte uma forte participação dos conjuges e, eventualmente, dos outros familiares, nas actividades respectivas. Na verdade, 84.3% dos conjuges dos produtores agrícolas do concelho de Loulé desempenham funções na exploração (70% fazem-no como actividade única) (Quadro 4-15). Inversamente, cerca de 3% dos elementos do mesmo grupo trabalha exclusivamente em actividades exteriores à exploração.

A análise conjunta dos dois padrões de actividade permite, também neste caso, definir grandes áreas no concelho de Loulé. Recorrendo à situação de monoactividade na agricultura e à de pluriactividade (na modalidade de dedicação de 0 a < 50% do tempo), podem delimitar-se alguns grupos de freguesias (Fig. 4-24). Curiosamente, as duas freguesias do Litoral (Almancil e Quarteira) aproximam-se de duas outras freguesias da área de transição (que inclui a Beira-Serra), apenas divergindo na expressão relativa daqueles que têm actividades exclusivamente não agrícolas. No Litoral, a procura de ocupações no exterior da exploração é naturalmente correspondida com maiores oportunidades, ao contrário do que acontece nas áreas do interior do concelho onde escasseia a oferta de emprego não agrícola.

No que respeita aos restantes familiares dos produtores agrícolas, a situação é estruturalmente diferente da dos conjuges, de acordo com o que acabámos de analisar. Neste caso, e para o concelho de Loulé, apenas cerca de 1/4 do total dos familiares (excluindo o produtor e o conjuge) trabalham na exploração, fazendo-o na condição de actividade única (Quadro 4-16).

No universo considerado dos familiares (onde não se incluem, recorde-se, o produtor e o respectivo conjuge) não foram tidas em conta as crianças com idade inferior a 12 anos. Admite-se que este sector da população agrícola familiar esteja totalmente comprometido com o sistema oficial de ensino, com escolaridade obrigatória. Assim, naquele quadro, verifica-se que os agregados domésticos dos agricultores suportam um elevado número de familiares que declaram não ter

qualquer actividade (Quadro 4-16). No concelho de Loulé estes são cerca de 36% do total de familiares considerado (33% na região do Algarve). A freguesia de Quarteira supera, mesmo, 50% e um número significativo de outras ultrapassa 40%.

Quadro 4-15  
ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS CONJUGES DOS  
PRODUTORES AGRÍCOLAS DE LOULÉ E ALGARVE - 1989

FREGUESIAS CONCELHO REGIÃO	TOTAL	SEM ACTIVI- DADE	MONOACTIVOS		PLURIACTIVOS	
			NA EXPLORA- ÇÃO	FORA DA EXPLORA- ÇÃO	0 A < 50% NA EXPLOR.	50 A 100% NA EXPLOR.
	nº	%	%	%	%	%
ALMANCIL	376	57.2	31.7	5.3	5.9	0.0
QUARTEIRA	122	22.1	63.1	3.3	11.5	0.0
BOLIQUEIME	532	12.4	67.1	6.8	13.7	0.0
S.CLEMENTE	586	7.2	70.3	3.9	17.6	1.0
S.SEBASTIÃO	745	8.1	71.7	2.0	16.8	1.5
QUERENÇA	386	2.3	75.1	2.3	16.1	4.2
ALTE	476	5.9	76.5	2.5	12.8	2.3
SALIR	543	8.3	76.8	2.8	12.0	0.2
AMEIXIAL	185	8.7	82.7	1.6	7.0	0.0
BENAFIM	221	4.1	88.7	0.9	5.9	0.5
LOULÉ	4 172	12.4	70.0	3.3	13.2	1.1
ALGARVE	20 547	10.1	72.6	3.9	12.1	1.3

Fonte: INE (1992a)

A integração de familiares idosos nas famílias de agricultores é interessante e pode ser analisada sob duas vertentes. A primeira vai no sentido de valorizar um outro papel desempenhado pelas famílias agrícolas: a função assistencial para com as gerações ascendentes. Neste aspecto, a diferenciação da estrutura familiar rural ao padrão urbano ainda é grande e é dificultada pela inexistência, em meio rural, de infra-estruturas adequadas de apoio à chamada terceira idade, o que reforça o carácter integrador e abrangente das famílias agrícolas. É um aspecto importante e que normalmente não é contemplado nas análises às famílias rurais, análises moldadas preferencialmente com estigmas ajustados às características das famílias urbanas.

A segunda vertente admite que alguns dos familiares considerados inactivos terão, contudo, papéis participativos no seio da exploração,

embora de segundo plano. Para além das tarefas domésticas, as quais não conferem, nas nossas sociedades, uma categoria considerada activa, aqueles elementos desempenham, muitas vezes, actividades de ajuda na exploração, nomeadamente trabalhos realizados em casa (descasque de frutos, preparação de alimentos para o gado, confecção de enchidos, fumados e queijos, maneio do estábulo e da capoeira, etc.), ignorados e desvalorizados perante as chamadas actividades de campo da respectiva exploração agrícola.

Quadro 4-16  
ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS FAMILIARES<sup>1</sup>  
DOS PRODUTORES AGRÍCOLAS DE LOULÉ E ALGARVE - 1989

FREGUESIAS CONCELHO REGIÃO	TOTAL	SEM ACTIVI- DADE	MONOACTIVOS		PLURIACTIVOS	
			NA EXPLORA- ÇÃO	FORA DA EXPLORA- ÇÃO	0 a <50 % NA EXPLOR.	50 a <100% NA EXPLOR.
	nº	%	%	%	%	%
SALIR	495	28.7	31.5	15.4	24.0	0.4
ALMANCIL	142	41.6	29.6	14.1	14.8	0.0
AMEIXIAL	199	41.2	27.1	14.6	15.1	2.0
QUERENÇA	363	30.0	26.5	8.8	28.9	5.8
S.SEBASTIÃO	725	40.7	26.3	14.3	16.6	2.1
S.CLEMENTE	556	30.6	25.5	20.7	22.0	1.3
QUARTEIRA	127	56.7	25.2	7.1	11.0	0.0
ALTE	465	36.1	23.7	24.3	15.5	0.4
BENAFIM	257	45.9	23.0	20.6	10.5	0.0
BOLIQUEIME	558	38.0	22.6	23.5	15.2	0.7
LOULÉ	3 887	36.7	25.9	17.6	18.4	1.4
ALGARVE	19 271	33.5	28.7	15.0	21.5	1.3

Fonte: INE (1992a)

A delimitação de áreas, no concelho de Loulé, de igual comportamento para o caso dos familiares, permite também sublinhar as características atrás apontadas dos diferentes graus de dinamismo e de integração das respectivas freguesias.

Considerando apenas os familiares que têm uma qualquer actividade (excluindo, portanto, as crianças com menos de 12 anos e os denominados inactivos), podem delimitar-se, no concelho, quatro áreas (Fig. 4-24). O Litoral aparece novamente bem evidenciado, embora com

<sup>1</sup> Incluem-se apenas os familiares dos agricultores com 12 e mais anos.

uma expressão maior no que respeita ao trabalho exterior (na condição de monoactividade). Esta situação vai-se agravando, até atingir as freguesias da área de transição (Beira-Serra incluída), onde o volume de emprego ocupado por elementos das famílias agrícolas no exterior das explorações é superior a uma terça parte dos activos. Tratar-se-ão, maioritariamente, de empregos oferecidos no Litoral.

A título de exemplo, veja-se como se comportou a população activa da freguesia de Querença (Quadro 4-17). Embora estes valores se reportem à totalidade da população activa e não só aos familiares activos dos agricultores, a tendência está bem patente não só na evolução registada ao longo dos anos 80 como também na localização exterior à freguesia das principais ocupações da sua população activa.

Quadro 4-17  
EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA (%)  
DA FREGUESIA DE QUERENÇA

SECTORES DE ACTIVIDADE	POPULAÇÃO ACTIVA			
	1981	1991		
	total	total	exerce a profissão na freguesia	exerce a profissão fora da freguesia
Agricultura	30.9	13.8	96.3	3.7
Industria / C.Civil	40.3	34.3	40.9	59.1
Turismo / Serviços	28.9	51.9	19.6	80.4
Total	100.0	100.0	32.7	67.3

Fonte: INE (1983) e J.F. (1991)

#### 4.6.2. PRODUTORES PLURIACTIVOS MAIS JOVENS

O fenómeno da pluriactividade não atinge, porém, com a mesma intensidade, todos os grupos etários. O nível de análise permitido pela informação disponível não vai além da região (neste caso, o Algarve). No quadro territorial algarvio é possível, contudo, analisar a estrutura etária dos produtores de acordo com o tempo que estes dedicam à exploração agrícola e com a origem do rendimento dos respectivos agregados domésticos (Quadro 4-18).

No que respeita ao tempo consumido nos trabalhos relacionados com a exploração e analisando o comportamento de cada um dos grupos

etários, verifica-se que, em todos eles, o grupo dos agricultores que trabalha principalmente no exterior da exploração é maioritário.

O mesmo não se passa com a origem do rendimento do agregado familiar, muito embora as posições relativas apareçam aqui substancialmente reforçadas: uma larga maioria afirma que o seu rendimento provém maioritariamente de actividades do exterior. A diferença de 12 pontos percentuais registada no total dos agricultores algarvios entre aqueles que trabalham principalmente fora da exploração (49.3%) e aqueles cujos rendimentos familiares são formados principalmente com contribuições exteriores (61.3%) aumenta nos produtores idosos para quase 20% e reduz-se, no caso dos jovens agricultores, para cerca de 3%.

No que respeita ao tempo que despendem na exploração, são os agricultores de idade já avançada (55 a 64 anos) que maioritariamente se dedicam a tempo inteiro (24.5% da respectiva classe etária).

**QUADRO 4-18**  
**PRODUTORES AGRÍCOLAS SEGUNDO A ORIGEM**  
**DO RENDIMENTO FAMILIAR E O TEMPO DE TRABALHO**  
**NO ALGARVE (1989)**

CLASSES DE IDADE	PRODUTORES (nº)	TOTAL (%)	EXCLUSIVAMENTE DA EXPLORAÇÃO		PRINCIPALMENTE DA EXPLORAÇÃO		PRINCIPALMENTE DE FORA DA EXPLORAÇÃO	
			RENDIM.	TRAB.	RENDIM.	TRAB.	RENDIM.	TRAB.
< 45	2 982	100.0	15.5	17.9	20.3	21.0	64.2	61.1
45 - 54	4 934	100.0	13.4	20.5	25.1	24.6	61.5	54.9
55 - 64	7 434	100.0	17.0	24.5	29.6	31.3	53.4	44.2
65 e mais	10 531	100.0	5.1	15.5	28.9	37.6	66.0	46.9
TOTAL	25 881	100.0	11.3	19.4	27.4	31.4	61.3	49.3

Fonte: INE (1992a)

#### 4.6.3. COMÉRCIO E SERVIÇOS: PRINCIPAIS OPÇÕES DOS PRODUTORES PLURIACTIVOS

O principal sector de actividade económica que atrai os elementos monoactivos não agrícolas e os pluriactivos dos agregados familiares dos agricultores é, sem dúvida, o sector terciário (Quadro 4-19). As

ocupações terciárias dos conjuges abrangem mais de 80% daqueles para quem a actividade não agrícola é considerada como principal.

Quadro 4-19  
 OCUPAÇÕES REMUNERADAS EXTERIORES À EXPLORAÇÃO  
 DOS MEMBROS DOS AGREGADOS DOMÉSTICOS DOS  
 AGRICULTORES, NO CONCELHO DE LOULÉ E NO ALGARVE  
 1989

POPUL. AGRÍCOLA FAMILIAR	ACTIVIDAD. EXTERIOR	TOTAL		SECTOR PRIMÁRIO		SECTOR SECUNDÁRIO		SECTOR TERCIÁRIO	
		nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
<b>CONCELHO DE LOULÉ</b>									
PRODUTORES	ACT. PR.	1 553	100.0	105	6.8	523	33.7	925	59.5
	ACT. SEC.	86	100.0	35	40.7	24	27.9	27	31.4
CONJUGES	ACT. PR.	713	100.0	48	6.7	67	9.4	598	83.9
	ACT. SEC.	23	100.0	11	47.8	3	13.1	9	39.1
OUTROS FAMILIARES	ACT. PR.	1 446	100.0	68	4.7	365	25.2	1 013	70.1
	ACT. SEC.	9	100.0	4	44.4	1	11.1	4	44.4
TOTAL	ACT. PR.	3 712	100.0	221	6.0	955	25.7	2 536	68.3
	ACT. SEC.	118	100.0	50	42.4	28	23.7	40	33.9
<b>REGIÃO DO ALGARVE</b>									
PRODUTORES	ACT. PR.	7 451	100.0	943	12.7	2 140	28.7	4 368	58.6
	ACT. SEC.	807	100.0	373	46.2	122	15.1	312	38.7
CONJUGES	ACT. PR.	3 295	100.0	283	8.6	299	9.1	2 713	82.3
	ACT. SEC.	259	100.0	130	50.2	6	2.3	123	47.5
OUTROS FAMILIARES	ACT. PR.	7 098	100.0	559	7.9	1 815	25.6	4 724	66.5
	ACT. SEC.	182	100.0	64	35.2	24	13.2	94	51.6
TOTAL	ACT. PR.	17 844	100.0	1 785	10.0	4 254	23.8	11 805	66.2
	ACT. SEC.	1 248	100.0	567	45.4	152	12.2	529	42.4

Fonte: INE (1992a)

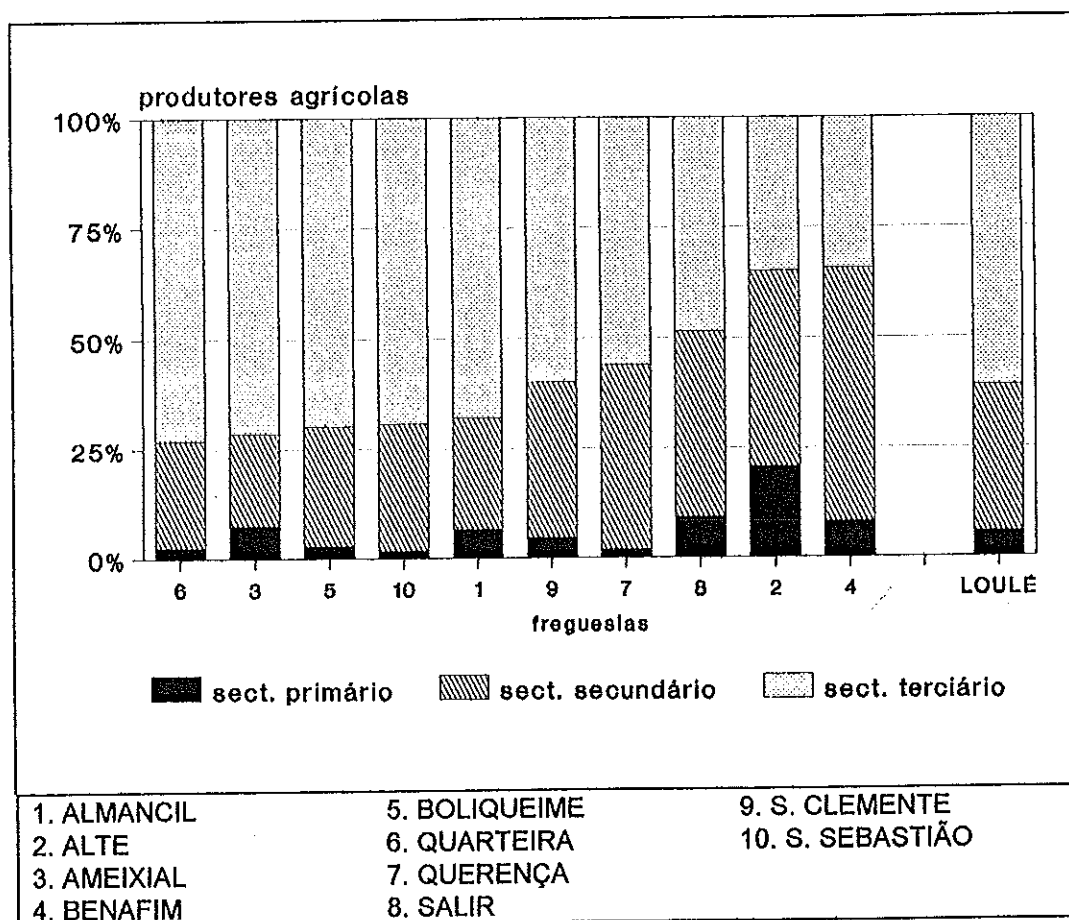
O panorama concelhio reproduz, com ligeiras diferenças, a situação regional. Cerca de dois terços do total dos membros das famílias agrícolas<sup>2</sup> têm uma ocupação remunerada no exterior das respectivas explorações.

As diferenças que conferem alguma especificidade a Loulé situam-se no grau de dedicação relativa de um maior número de produtores a actividades inseridas no sector secundário (onde a construção civil tem

<sup>2</sup> - Excluindo os elementos com menos de 12 anos

um papel de relevo) e a uma menor participação destes em tarefas agrícolas e silvícolas exteriores à própria exploração. Comportamento semelhante é detectado no que respeita aos outros familiares.

Figura 4-25  
**OCUPAÇÕES REMUNERADAS DOS PRODUTORES AGRÍCOLAS DE LOULÉ (COM DEDICAÇÃO ENTRE 0 E 50% DO TEMPO À RESPECTIVA EXPLORAÇÃO) NAS FREGUESIAS E CONCELHO DE LOULÉ - 1989**



Fonte: INE (1992a)

Nas freguesias do concelho de Loulé, a posição preponderante do emprego terciário não se manifesta com a mesma importância em todas elas (Fig. 4-25). A moderada acessibilidade e o nível de desenvolvimento local justificam que, nas freguesias do interior (particularmente em Salir, Alte e Benafim), os serviços representem menos de 50% da ocupação

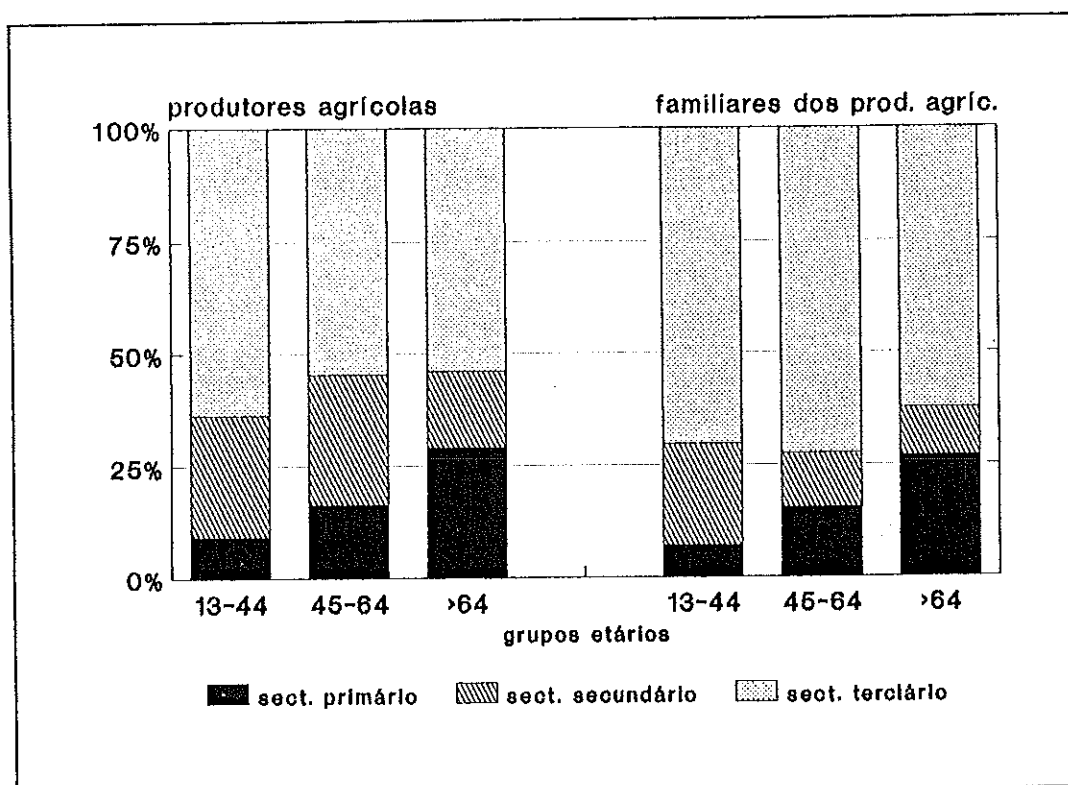
declarada pelos produtores, ao contrário do que se passa nas restantes. Ainda nestas três freguesias, o sector secundário (e, novamente, a construção civil) domina o emprego não agrícola.

A freguesia do Ameixial, pela sua localização marginal, revela-se, de novo, como um caso especial. Tem uma estrutura relativa de emprego não agrícola, no que respeita aos produtores que dedicam de 0 a < 50% do seu tempo à exploração, semelhante à freguesia de Almancil. Porém, o número total de produtores nas condições acima expressas representa, na freguesia da Serra, quase 10% dos produtores, em situação semelhante, na freguesia de Almancil. O peso do terciário, que devido à fraca acessibilidade, deverá corresponder a postos de trabalho locais, situa-se nos serviços públicos ou para-públicos (Junta de Freguesia, Casa do Povo, Caixa de Crédito Agrícola Mútuo, pequenos serviços eventuais de transportes e serviços camarários indiferenciados).

Finalmente, a idade introduz alguma estratificação nas actividades remuneradas exteriores à exploração. Para a região do Algarve (Fig. 4-26), assinala-se, no que respeita à totalidade dos produtores, um crescente reforço da participação em actividades complementares relacionadas com a agricultura e/ou com a silvicultura. Porém, a ocupação no sector terciário domina os três grupos etários, embora registe uma predominância no grupo dos produtores de 13 a 44 anos de idade.

No que concerne à população agrícola familiar, excluindo o produtor, o peso do emprego terciário é ainda mais expressivo, aproximando-se dos 75% do total dos familiares dos produtores agrícolas do Algarve. Nos elementos mais jovens, as actividades inseridas no sector secundário quase atingem 25% do total, enquanto a ocupação, complementar ou não, no sector primário é diminuta. Nas camadas mais idosas, nomeadamente no grupo que reúne os elementos com 65 e mais anos, o trabalho exterior na agricultura, ainda que eventual, abrange mais de 25% desta população.

Figura 4-26  
 ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS PRODUTORES AGRÍCOLAS  
 E SEUS FAMILIARES DE ACORDO COM A IDADE, NO ALGARVE  
 1989



Fonte: INE (1992a)